

Deu geada no cafezal, não façam podas já

J. B. Matiello
Eng. Agrônomo
MAPA - Procafé

Duas pequenas geadas atingiram lavouras cafeeiras nos estados do Paraná, São Paulo e Minas, em julho-agosto deste ano.

O tipo de geada observado foi o comum, a geada típica ou de irradiação, ou seja, a queima foi causada pela deposição do ar frio, formado junto ao solo ou à relva, que, mais denso, se acumula nas partes mais baixas do terreno. Assim, pegou as partes mais próximas ao fundo de vales ou bacias mal drenadas (drenagem do ar).

Os danos causados pelas geadas, conforme conhecidos, se traduzem na queima dos tecidos das plantas ou baixas temperaturas. O nível de queima ou dano pela geada está ligado, principalmente, às temperaturas que ocorreram nas lavouras e à condição das plantas.

Quanto ao tipo de dano ocasionado, o mais comum foi o que se chama de 'capote', ou seja, a queima pelo frio se restringiu às folhas e à parte externa (nova) dos ramos, não atingindo o tronco em lavouras adultas. Apenas nos cafeeiros mais jovens, especialmente aqueles com até 1,5 ano, o frio pode ter queimado partes do tronco, ou mesmo, pode ter causado canela de geada, nesta sem queimar a folhagem.

Outro prejuízo constatado pelo frio foi uma pequena queima das pontas novinhas dos ramos produtivos e, também, causa a paralisação do crescimento da gema terminal dos ramos. Em seguida ocorre uma grande brotação ao longo desses ramos, formando palmetas. Com isso boa parte de gemas que se tornariam flores se diferenciam em ramos.

Não existe nenhum trabalho de levantamento da extensão da área atingida pelas geadas, porém, pelas informações obtidas, os prejuízos foram pequenos no geral, no entanto, muitos produtores tiveram perdas significativas.

Maiores danos no Catuaí

Em observações feitas em agosto de 2011 em 3 lavouras na região de Andradadas-MG e São João da Boa Vista-SP verificou-se queima mais severa pelas geadas em cafeeiros da variedade Catuaí, em relação a cafeeiros Mundo Novo.



A foto mostra, de forma mais geral, a ação da geada de irradiação ou geada típica, atingindo o fundo das lavouras. Fotos no Sul de Minas

Analisando o que poderia estar causando este diferencial de queima, entre cafeeiros das duas variedades, a princípio seria lógico pensar na diferença de porte, com plantas mais baixas ficando junto às temperaturas menores, mais próximas ao solo. No entanto, ao se verificar uma condição em que foi feito o plantio de linhas intercaladas, das 2 variedades, com plantas de apenas 1 ano de idade, de porte muito semelhante, verificou-se que a questão de porte não era o que condicionava a queima mais grave no Catuaí. Passou-se a observar melhor e verificou-se que as plantas de Mundo Novo se encontravam mais estressadas pela seca, enquanto as de Catuaí estavam mais verdes e túrgidas. Concluiu-se, então, que a menor queima observada em plantas de Mundo Novo estava associada à sua maior concentração de sais. Já se conhecia que plantas irrigadas ficam mais susceptíveis à queima por geadas.

Verificou-se, ainda, no campo, queima diferenciada, mais severa, pelo frio, em cafeeiros com folhas purpurascens (avermelhadas), em comparação com plantas de folhas verdes, de coloração normal. A presença de folhas avermelhadas está associada a um fator genético, que ocorre em praticamente todas as variedades. Sabe-se, também, que plantas purpurascens são normalmente menos produtivas e, portanto, poderiam estar com a folhagem mais túrgida. No entanto, no caso observado esta razão não era verdadeira, pois nesse último ano toda a plantação se encontrava com safra baixa. Não se tem uma explicação para a maior queima das plantas purpurascens, apenas se desconfia de uma maior irradiação de algum tipo (comprimento de onda) de raio calorífico do sol, o que deixaria a copa da planta com menos calor.

Deve-se, então, considerar o condicionamento das plantas como fator de redução dos danos por geadas. O stress hídrico pode ser usado a favor, deixando as plantas sem irrigar no inverno. O detalhe de plantas purpurascens não apresenta efeito prático pelo pequeno número de plantas nessa condição, porém indica que a cor da folhagem poderia ser melhor desenvolvida na proteção da folhagem, por exemplo, usando pigmentos de cor escura, sabidamente mais armazenadores de energia calorífica.

Hora de recuperar

Pois bem, observando o que aconteceu e passado o susto, ficou a lembrança de que a geada continua presente como fator de risco na cultura cafeeira. Muitos, ao comentarem sobre sua ausência prolongada, até falavam que a geada era somente coisa do passado.

Agora é hora de recuperação. Nesse aspecto os trabalhos de pesquisa mostram que se deve esperar de 60-90 dias após a geada (coincidindo com o reinício do período quente chuvoso) para podar os cafeeiros. Primeiro porque logo após a geada não se sabe exatamente até onde queimou. Depois porque a poda sempre elimina reservas, necessárias à recuperação das brotações, em uma época normalmente seca (julho-setembro).



Detalhe da queima por geada, tipo capote, queimando mais o topo e a parte externa da ramagem



Efeito do frio menos intenso matando os cloroplastos e descolorindo a folha nova



Em função da queima dos ponteiros ou paralização do seu crescimento pelo frio se desenvolvem muitas brotações terciárias nos ramos produtivos



Queima maior nos cafeeiros Catuai, acima e quase sem queima nos da variedade Mundo Novo, abaixo



A aplicação de podas em cafezais atingidos por geadas vai depender da observação, em cada caso, do nível de dano causado à copa das plantas, valendo para elas a mesma recomendação geral aplicável às lavouras não atingidas: quanto menos cortar melhor, pois se deve aproveitar, ao máximo, a estrutura produtiva das plantas, ganhando-se com menores gastos com poda e com o retorno mais rápido à produção.

Dependendo do nível de queima, pode-se adotar podas leves (decote) ou drásticas (recepa) ou dispensar as podas, efetuando apenas desbrotas, o que é comum nos casos de lavouras com queima superficial (“capotinho”). Para queima parcial do cafeeiro (“capote”) pode-se adotar um decote, que pode ser feito previamente à brotação, ou, então, conduzir os brotos no ponteiro e, depois, quebrar manualmente as hastes secas. Para queima grave, até o tronco, adotar podas por recepa. O esqueletamento e o desponte normalmente não são indicados, pois a geada já efetua um desponte natural dos ramos laterais.

Para plantas novas, atingidas por canela de geada, deve-se primeiro esperar as brotações, logo abaixo da canela. Quando os brotos estiverem com cerca de 10 cm deve-se efetuar a desbrota, conduzindo 1 broto por planta e, na medida em que esse broto estiver firme, cortar logo acima, eliminando a haste. 